

**O LAZER, A PERIFERIA E OS JOVENS: RELAÇÕES PARA DISCUTIR O CRESCIMENTO PENTECOSTAL**

*LEISURE, PERIPHERY AND YOUTH: RELATIONS TO DISCUSS PENTECOSTAL GROWTH*

*EL ESPARCIMIENTO, LA PERIFERIA Y LOS JÓVENES: LA RELACIÓN PARA DISCUTIR EL CRECIMIENTO PENTECOSTAL*

**JULIANA APARECIDA CANTARINO TOLEDO**

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Juiz de Fora/MG.

E-mail: juliana\_cantarino@yahoo.com.br

**CLARICE CASSAB**

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Juiz de Fora/MG.

E-mail: clarice.torres@uff.edu.br

**Resumo:** O presente texto teve como propósito discutir o crescimento do pentecostalismo no Brasil procurando elucidar as origens dessa expansão, especialmente entre os jovens residentes nas periferias urbanas. Assim sendo, utiliza-se como recurso os resultados de pesquisa recente na igreja “Jesus Cristo a Única Esperança”, localizada em um bairro periférico da cidade de Juiz de Fora/MG. A investigação efetuou a contagem do número de igrejas inseridas no local, bem como a realização de entrevistas com os jovens, visando identificar os motivos para frequentarem a igreja e o que ela representa em seu cotidiano. Posteriormente, traçou-se um paralelo com outras experiências realizadas sobre tal temática. Verificou-se que tal expansão é condicionada pela precariedade desses locais em termos de infraestrutura e equipamentos de lazer, aliados a dedicação das igrejas em atrair a juventude, lançando como estratégia a ofertas de atividades dedicadas a esses jovens.

**Palavras-chave:** juventude, lazer, religião.

**Abstract:** This text aimed at discussing the growth of Pentecostalism in Brazil, seeking to elucidate the origins of this expansion, especially among young people living in urban peripheries. Thus, we used the results of a recent research in the church "Jesus Christ the Only Hope", located in a peripheral neighborhood of the city of Juiz de Fora / MG. The investigation counted the number of churches in the referred site, as well as doing interviews with young people, in order to identify the reasons for attending the church and what it represents in their daily lives. Subsequently, a parallel was drawn with other experiments on this theme, finding that such expansion is conditioned by the precariousness of these places in terms of infrastructure and leisure facilities, coupled with the dedication of the churches to attract youth, launching as a strategy the offer of activities dedicated to these young people.

**Keywords:** youth, leisure, religion.

**Resumen:** El presente texto tuvo como objetivo discutir el crecimiento del pentecostalismo en Brasil buscando dilucidar los orígenes de esta expansión, especialmente entre los jóvenes que viven en barriadas, distantes del centro urbano. Por lo tanto, se utiliza como recurso los resultados de la investigación reciente en la iglesia "Jesus Cristo a Única Esperança", localizada en un barrio periférico de la ciudad de Juiz de Fora/MG. La investigación registró la cantidad de iglesias locales, así como se realizó entrevistas a jóvenes, buscando identificar los motivos por que asisten a la iglesia y lo que significa en su vida diaria. Posteriormente, se comparó paralelamente con otros datos de experiencias semejantes. Se verificó que la expansión se debe a la precariedad de los barrios, si se compara con la infraestructura y equipamientos de esparcimiento, que las iglesias dedican con el propósito de atraer a la juventud, proveyendo estratégicamente espacios para desarrollar actividades dirigido a los jóvenes.

**Palabras clave:** juventud, esparcimiento, religión.

## **Introdução**

A proposta desse trabalho é a de convidar o leitor a lançar um olhar atento em suas caminhadas pelas cidades, em especial nas

periferias. Tais observações levarão ao reconhecimento do crescente número dos adeptos ao pentecostalismo no Brasil, justamente, pelo incremento no número de igrejas em diversas áreas das cidades, principalmente nos bairros periféricos<sup>1</sup>.

Aumento que parece ser corroborado tanto pelos dados sobre população e religião apresentados nos últimos censos (2000; 2010), que tem demonstrado como o pentecostalismo é a denominação que mais cresce tanto no interior do evangelismo como entre as diferentes religiões, como também pelo interesse do tema. Quanto a esse último aspecto, autores como Bohn (2004), IBASE/POLIS (2005), Camurça (2013), Fernandes, D. (2007), Fernandes, S. (2009), Gomes (2007), Goulart (2008), Machado, M. (1992), Machado A. (1994; 1997), vêm se dedicando à temática do crescimento do pentecostalismo demonstrando sua importância como forma de sociabilidade.

Nesse texto, pretende-se refletir sobre o avanço entre os jovens e como essas igrejas se dedicam a atraí-los, traçando uma discussão sobre a expansão pentecostal nas periferias urbanas, buscando sinalizar como esse crescimento se assenta em ações que têm como foco esse segmento social, sustentando-se, para isso, na oferta de atividades que proporcionam empoderamento e lazer. Além disso, abordar-se-á como o êxito que tal expansão se dá, em grande medida, em razão do descaso do poder público e da própria sociedade com os jovens pobres das periferias.

Para esse propósito, é importante ressaltar que pensamos a juventude não pelo seu recorte etário, mas a partir das muitas formas pelas quais ela é experimentada pelos sujeitos jovens

---

<sup>1</sup> Este trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada: “O papel das igrejas evangélicas no processo de re-territorialização e construção das identidades territoriais dos jovens evangélicos do residencial Parque das Águas” – Juiz de Fora, defendida em agosto de 2017.

(CASSAB, 2015; 2016). Dessa forma, pode-se afirmar que ser jovem é uma relação social sendo a juventude compreendida a partir de suas vivências individuais e coletivas.

Logo, entendê-la significa considerar o sujeito jovem nas diferentes dimensões que atravessam sua vida social, tais como classe social, religião, etnia, cultura, gênero, e também espacial, tratando-a tanto como uma representação simbólica como também um momento vivido em comum pelos sujeitos jovens (CASSAB, 2009). Nesse aspecto, os jovens dessa pesquisa são aqueles que partilham a experiência de serem residente de um conjunto habitacional na periferia de Juiz de Fora e frequentarem a mesma igreja pentecostal. Conjugam-se, assim, a dimensão territorial e religiosa, sendo ambas, as mediações centrais na delimitação dos sujeitos dessa pesquisa.

Dessa maneira, reverberando Cassab (2009; 2015; 2016), a juventude é entendida em sua multiplicidade, e é nessa multiplicidade que se desenha o estudo sobre os jovens pentecostais, frequentadores da igreja Jesus Cristo a Única Esperança e residentes no Parque das Águas, maior conjunto habitacional do Programa Minha Casa Minha Vida na cidade de Juiz de Fora.

O trabalho teve como ponto de partida metodológica a revisão bibliográfica de autores que tratam de seu tema foco: juventude e religião, crescimento do pentecostalismo. Também para seu desenvolvimento foi realizado trabalho de campo, momento em que foram contabilizadas e mapeadas todas as igrejas evangélicas existentes no empreendimento. Ainda durante o campo foram realizadas entrevistas com 23 jovens frequentadores da igreja objeto dessa pesquisa bem como sua missionária responsável. Para a escolha e construção dos procedimentos metodológicos foram

consideradas as contribuições de Vergara (2010), Gil (1989) e Lakatos e Marconi (1992).

O campo foi realizado no próprio Parque das Águas, em meados de 2017 e se dividiu em três etapas. A primeira teve como intuito a contabilização do número de igrejas instaladas no residencial. Para isso, foi percorrido todo o conjunto habitacional sendo registradas a localização de cada igreja evangélica existente. Posteriormente, esse registro se converteu em um mapa que possibilitou identificar não apenas a espacialização dessas igrejas como sua expressiva representatividade no bairro.

A segunda etapa possibilitou a aproximação com alguns dos líderes das igrejas. Através desse contato com a comunidade foi possível perceber que, apesar de ser relevante o número de igrejas pentecostais no local, a maioria recebe um número ínfimo de jovens, com exceção da igreja pentecostal “Jesus Cristo a Última Esperança”. Fato que determinou a opção por realizar o estudo nela.

A terceira etapa do campo buscou compreender o processo de territorialização dos jovens evangélicos a partir de sua relação com a igreja selecionada para a pesquisa. Para isso, foram realizados encontros com os jovens e a missionária responsável ocorridos aos sábados à tarde, na própria igreja. A escolha pelo local e dia, foram sugestões da líder. De acordo com ela, por ocorrer nesse dia o encontro de jovens, seria o momento ideal para interagir com eles. Além disso, posterior as atividades dedicadas aos jovens, ocorria o culto, rito no qual também participavam.

A ida a esses encontros bem como a participação nos cultos, permitiu a pesquisadora estabelecer o contato com os sujeitos da pesquisa, realizar as entrevistas, além de observá-los na relação com a igreja.

As entrevistas tiveram como base um roteiro com perguntas semiestruturadas. Nelas, buscou-se entender questões referentes ao cotidiano desses sujeitos no Parque das Águas, bem como a representação e como se relacionavam com seu local de moradia. Também era de interesse compreender o envolvimento com a igreja e de que maneira isso se configurava como aspecto importante para a construção de vínculos territoriais com o loteamento. Assim, questionou-se o que achavam do Parque das Águas especialmente no tocante ao lazer e a presença de equipamentos destinados a esse uso e como a igreja contribuía em sua vivência no e com o bairro.

Tais entrevistas tinham como intuito conceber como eram estabelecidas as mediações dos jovens com seu território a partir da igreja, e como esse movimento estaria auxiliando-os desenvolverem o sentido de pertencimento com o novo local de moradia.

Essa indagação teve relevante papel no entendimento do processo de re-territorialização da juventude, já que as características físicas do local permitiam visualizar a carência de equipamentos dedicados ao lazer, tornando-se essencial entender o papel da igreja diante dessa lacuna.

Por fim e ainda no campo, foi feita entrevista com a líder da Igreja, a Missionária “E”. Através dela foi possível traçar o perfil da igreja e entender o seu enraizamento no bairro. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas<sup>2</sup>, dando origem ao material interpretado na dissertação e nesse texto.

A título de sistematização, a redação que segue se desmembra em três momentos. No primeiro, esforça-se em traçar uma discussão sobre o avanço do pentecostalismo no Brasil, bem

---

<sup>2</sup>As falas produzidas pelos jovens e a Missionária, evidenciadas ao longo do texto, estão identificadas por letras, garantindo o anonimato dos entrevistados.

como entre os jovens. O segundo cuida da descrição do local da pesquisa em termos de predominância de igrejas, características físicas e sociais do local, tendo como cerne o desenho sobre a oferta de equipamentos e espaços de lazer. Por fim, num terceiro momento, busca-se apresentar uma análise das entrevistas realizadas com os jovens, propondo desvendar o papel da igreja em suas vidas, especialmente no plano do lazer, acolhimento e empoderamento, justificando, em grande medida, o “sucesso” da religião e do “espaço” entre os jovens do residencial local da pesquisa.

### **Um resumo sobre o crescimento do pentecostalismo entre os jovens nas periferias urbanas**

Para Carvalho (1992), a religiosidade contemporânea caracteriza-se por uma variedade de formas religiosas. Como afirma Hervieu-Léger (1997, p. 32), “nos anos 60-70, a pesquisa empírica impôs a evidência universal de novos surtos religiosos inesperados, tanto no seio das igrejas estabelecidas quanto sob a forma de Novos Movimentos Religiosos”.

A efervescência religiosa afirmada por Hervieu-Léger (1997), pode ser evidenciada se acompanharmos a evolução do quadro religioso brasileiro, revelado nos últimos censos (Tabela 1). Observa-se, com exceção da religião católica e afro-brasileira, um crescimento das demais.

**Tabela 1: Religiões declaradas nos censos do Brasil 1980, 1991, 2000 e 2010.**

RELIGIÃO	1980 (%)	1991 (%)	2000 (%)	2010 (%)
Católica	88,9	83,3	73,8	64,6
Evangélica não-pentecostal	3,4	2,9	4,2	4,3
Evangélica pentecostal	3,2	3,7	10,4	17,9
Kardecista	0,7	1,1	1,4	2,0

Afro-brasileira	0,6	0,4	0,3	0,3
Sem religião	1,6	4,8	7,3	8,0
Outras religiões	1,3	1,4	1,8	1,9
<i>TOTAL (*)</i>	<i>100</i>	<i>100</i>	<i>100</i>	<i>100</i>

(\*) Não inclui os que não declararam ou não determinaram.

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Novaes (2005) e IBGE (2010).

Outra importante transformação no campo religioso brasileiro nas últimas três décadas têm sido o crescimento dos adeptos das religiões evangélicas. Dados dos últimos censos demonstram uma correspondência de 6,6% da população brasileira em 1980 e 1991, 14,6%, constatadas nas apurações do censo de 2000, saltando para 22,2% em 2010.

Apesar do número de evangélicos ter crescido em termos absolutos, esse segmento não se apresenta de maneira homogênea. De acordo com Mariz e Jr. (2013, p. 162), “o censo de 1980 foi o primeiro a subdividir a categoria ‘evangélicos’ em ‘Tradicionalistas’<sup>3</sup> e ‘Pentecostais’”. Considerando tal divisão, verifica-se que a evolução do grupo de evangélicos pentecostais foi relevante, constituindo-se como principal propulsor do crescimento evangélico no Brasil nas últimas décadas.

Para Bohn (2004, p. 291), pode-se considerar “a deterioração do quadro socioeconômico do país” (p. 291) como um dos fatores associados a tal crescimento. Neste caso em referência à escolha que essas igrejas fazem pelos despossuídos.

Mesma posição defendida por outros autores como Mariz e Jr. (2013) que ao tratarem o perfil social dos evangélicos pentecostais em 2010, demonstraram que o pentecostalismo atrai principalmente as mulheres e os mais pobres. Ainda segundo os autores, os

---

<sup>3</sup>As religiões evangélicas chamadas tradicionais ou não-pentecostais, compreendem, no Brasil, as seguintes denominações: Igrejas Batista, Episcopal, Luterana, Metodista e Presbiteriana.

pentecostais apresentam a maioria de seus adeptos com um pequeno *status* social em relação ao grau de instrução. Outro ponto também tocado pelos autores diz respeito à distribuição geográfica deste segmento religioso, destacando-se como atrativas regiões receptoras de população migrante e metropolitanas, principalmente as periferias.

Assim, a menor oferta de oportunidades na periferia pode ser compreendida como um elemento favorável na escolha pela igreja, especialmente aquela feita pelos jovens. Isso ocorre também porque os bairros periféricos dispõem de poucos atrativos o que a torna espaço de lazer, sociabilidade e encontro do grupo juvenil. Como veremos ao longo do texto, tal fato também foi evidenciado no estudo realizado na pesquisa.

Machado (1997), ao discutir a territorialidade pentecostal no Rio de Janeiro, explicita ser a estrutura organizacional do pentecostalismo formada por dispositivos de expansão, hierarquia, instituições de poder e seus principais agentes religiosos. De acordo com a autora, a igreja pentecostal, em sua estrutura de organização, se difere das protestantes históricas e da igreja católica. Elas possuem ainda uma estrutura organizacional contraditória por se apresentarem hierarquicamente rígidas e ao mesmo tempo descentralizadas e flexíveis.

Tal rigidez refere-se à verticalização das funções dentro da instituição, à descentralização, a flexibilidade e a forma espontânea de difusão dessas igrejas, caracterizada por um modelo de divisão celular, que desemboca na independência que apresentam, já que suas decisões não se centralizam como nas demais citadas. Esse ponto também pode ser notado durante o campo realizado no estudo que deu origem ao presente texto.

Para Camurça (2013), o crescimento dos adeptos da religião evangélica se apoia em diversos fatores, dentre os quais a forte presença feminina em idade reprodutiva, razão que influenciaria na escolha dos filhos quanto ao seu segmento religioso. Aponta ainda, a pouca burocracia de expansão das redes evangélicas, especialmente as pentecostais e sua forte penetração nas periferias, além de sua enorme capacidade em se direcionar ao vasto pluralismo social moderno.

Por último e mais intrigante está o destaque ao “pluralismo de ofertas”, caracterizado pelo autor como uma competição interna dentro do meio evangélico que implica, conseqüentemente, em uma gama de novas igrejas e feitura com o intuito de atrair adeptos.

Tal diversidade implica numa vasta oferta válida a todos os gostos, especialmente para os jovens, tendo em vista ser a faixa etária significativa entre os adeptos do pentecostalismo. Como afirma o texto produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2012, p. 99), “os evangélicos pentecostais e os evangélicos de grupamento não determinado, tiveram suas maiores proporções entre crianças e adolescentes”.

Para Mendonça (2009, p. 8), “o crescimento do pentecostalismo tem sido observado como fator preponderante nas substituições dos métodos tradicionais de evangelização por meios modernos e tecnicamente eficazes de divulgação do evangelho”. Essas novas práticas dão à igreja um caráter menos formal e, conseqüentemente, mais atrativo, especialmente para os jovens.

Na busca por uma caracterização geral da juventude evangélica procuramos, por meio da revisão de algumas publicações de autores dedicados ao tema, fazer uma aproximação desse perfil. Destaca-se, dentre elas, as contribuições de Marcia Regina da Costa,

especialmente em seu artigo intitulado “Os carecas de Cristo e as tribos urbanas do Underground evangélico”, de 2004 (COSTA, 2004). Em sua obra, a autora estampa uma juventude evangélica assumindo estilos antes não aprovados dentro de sua religião. Para ela, a partir dos anos 1990 as igrejas passaram a contrair um papel mais liberal, principalmente as pentecostais. Assim, o jovem não precisa mais abdicar de seus grupos para frequentar a igreja.

Fernandes (2009) enfatiza, entre outros conteúdos, o crescimento considerável do número de adeptos pentecostais, com forte presença de jovens. Além disso, destaca a localização preferencial nas franjas do tecido urbano, e a maior assiduidade da juventude evangélica em seus templos em relação à juventude católica. Para a autora, tal regularidade se explica pela diversidade e maior abertura que essas igrejas têm dado às atividades desenvolvidas em seus templos.

Outra importante contribuição se apresenta no trabalho de Gomes (2007) que em pesquisa numa igreja pentecostal da periferia de Belo Horizonte, expôs como os jovens inseridos nesse local elaboraram suas práticas culturais. Dentre os resultados de sua pesquisa está o entendimento das mudanças ocorridas no cerne do pentecostalismo; inclusive a incorporação das práticas musicais, o chamado louvor, que de acordo com o autor é elemento de extrema relevância na articulação da sociabilidade entre os jovens e também na atração desses: o culto representa não apenas um fim espiritual, mas também um momento de diversão.

Por sua vez, Goulart (2008) evidencia não apenas o crescimento pentecostal, mas a abertura que o meio tem dado aos modos de se vestir e diversão dos seus jovens. A autora aponta que a prática espiritual não exclui outras, porém, afirma haver entre os

adeptos um serviço de controle que parte da hierarquia dentro da igreja até a maneira de ser dentro e fora dela. Assim, ela afirma: “a vida pessoal deve estar condizente com o que é estabelecido na conduta bíblica” (GOULART, 2008, p. 6). Seguindo o raciocínio, a autora se apropria das ideias de Reginaldo Prandi (2007), afirmando que o Brasil caminha de uma cultura católica para uma cultura evangélica, ressaltando ainda a existência de uma cultura de jovens evangélicos especificamente. Assim, explica o autor,

um garoto evangélico pode se integrar com outros jovens do mundo todo pela internet, assim como qualquer outro jovem faria, porém, ‘riscará de seu horizonte muito do que diz respeito ao sexo e às drogas, que geralmente lhes são interditos, e sua experiência musical estará restrito à música evangélica, pela qual os jovens não evangélicos do mundo não estarão minimamente interessados. Esse jovem evangélico não participará, por causa dos limites estéticos e comportamentais impostos por sua religião, de um grupo maior do que aquele limitado pela sua própria igreja. Ele estará fora de uma cultura mundial de jovens, mesmo usando jeans, calçando tênis e comendo Big Mac. Sua religião é, nesse sentido, restritiva, excludente (PRANDI, 2007 apud GOULART, 2008, p. 7).

A autora mais uma vez ressalta a abertura dada por estas igrejas às múltiplas expressões culturais, como a dança. Chama atenção o fato de que essa não fica restrita ao interior da igreja, mas se expande para barzinhos e casas noturnas evangélicas. Fato que, no entanto, não ocorre sem que haja certo controle, como a restrição de bebidas alcoólicas e cigarros nestes ambientes, por exemplo.

Apesar da maior abertura evidenciada nas discussões trazidas pelos autores é também importante observar, como a inserção no mundo evangélico também carrega uma conotação “restritiva e excludente”, marcada pela interdição e exclusão a tudo

que esteja fora do universo pentecostal, impulsionando, dessa forma, a formação de grupos homogêneos, pouco dispostos a interação com os demais grupos juvenis.

Contudo, a partir da revisão dos trabalhos citados e da pesquisa empreendida, conclui-se o esforço que as igrejas vêm empenhando no intuito de atrair a juventude. Traçando uma relação com o estudo dedicado à juventude evangélica do Parque das Águas, algumas questões elencadas nos trabalhos descritos foram evidenciadas. Dentre elas, a predominância de igrejas pentecostais no interior do residencial, a carência e precariedade dos equipamentos públicos voltados para o lazer dos jovens, as múltiplas atividades oferecidas aos jovens pela igreja, além de sua estrutura menos rígida, entre outras.

### **O Parque das Águas: sua estrutura e suas igrejas**

O residencial Parque das Águas caracteriza-se por ser um empreendimento edificado pelo Programa Minha Casa Minha Vida<sup>4</sup>, do governo federal, localizado na periferia da cidade de Juiz de Fora/MG em uma região já historicamente concentradora de outras habitações de caráter social. Construído em terreno onde antes existia fazenda municipal Santa Cândida, o Parque das Águas representou na cidade a consolidação de um novo bairro, alterando o solo rural para urbano.

Após as conclusões das obras do empreendimento, a prefeitura municipal realizou o sorteio das famílias que seriam contempladas com uma unidade habitacional no residencial. Com

---

<sup>4</sup>Para mais informações, ver: <<http://www.fazenda.gov.br/noticias/2009/marco/Cartilha-Minha-Casa-Minha-Vida.pdf/view>>. Acesso em: 12 set. 2018.

565 residências, o residencial recebeu o mesmo número de famílias<sup>5</sup>. Nesse contexto, foram deslocados para o Parque das Águas famílias oriundas de diferentes bairros e regiões de Juiz de Fora, desafiando-as a reorganizarem suas vidas num novo bairro até então inexistente na cidade. Tal processo não se deu sem um conjunto de dificuldades e conflitos tanto na relação com os vizinhos do próprio local quanto com aqueles moradores do bairro adjacente ao empreendimento. Autor e Pinto (2019, no prelo) em sua pesquisa mostraram como os jovens experimentaram esse processo com grande agudeza ao viverem a experiência de se des-reterritorializarem na cidade. Nesse movimento, muitos acabaram por encontrar nas igrejas um lugar de sociabilidade e de construção de novos vínculos sociais (TOLEDO, 2017).

Muitos dos desafios enfrentados pelos moradores do Parque das Águas se deram em função da quase inexistência de equipamentos públicos próximos e de qualidade. Em termos de estrutura, logo após sua inauguração, o bairro contava apenas com as residências e ruas de asfalto batido sem nomes definidos para os logradouros - que eram identificados por letras - e uma pequena praça com poucos equipamentos de utilidade esportiva e lazer. Além disso, não desfrutava de uma rede de comércio para atender as necessidades básicas dos moradores, escola, Unidade de Atendimento Primário (UAP), creche etc. As descrições revelam o descaso do poder público com as famílias e a população do entorno.

Tal imperícia teve como resultado o inchaço desses equipamentos antes disponibilizados para atender preferencialmente os bairros do entorno e, conseqüentemente, uma disputa entre ambos os usuários. Escolas, creches, postos de saúde,

---

<sup>5</sup>O sorteio das residências foi realizado pela prefeitura de Juiz de Fora em 2013.

equipamentos de lazer, serviços e comércio exigem de seus moradores o deslocamento por distâncias consideráveis. A inexistência de tais infraestruturas no próprio conjunto levou a sua procura no Monte Castelo, bairro mais próximo, resultando em forte pressão sobre os já insuficientes equipamentos e a um conjunto de conflitos e estranhamentos entre seus moradores (CASSAB; PINTO, 2019, no prelo).

As condições físicas do local e a pouca oferta de lazer e equipamentos voltados para recreação, além dos conflitos sociais revelados ao longo do estabelecimento das relações entre os residentes e residentes/entorno, trazem consigo elementos inerentes às discussões propostas nesse trabalho.

Em 2017, durante a realização da pesquisa, percebeu-se a implementação de significativas melhorias nas condições de moradia dos residentes, feitas, em sua maioria, pelos próprios moradores. Um grande número das residências teve suas fachadas alteradas, estruturas internas e externas ampliadas, o local passou a contar com alguns pequenos estabelecimentos comerciais, uma escola municipal de ensino fundamental e uma creche. Entretanto, a pesquisa realizada com os jovens evidenciou muitas lacunas envolvendo o investimento em serviços e ações que beneficiem o lazer e o bem-estar da juventude<sup>6</sup>.

São nesses locais, com pouca atuação do poder público, carregados de um descaso da sociedade e do Estado, marcados pelo estigma da violência, que as igrejas pentecostais têm ganhado maior

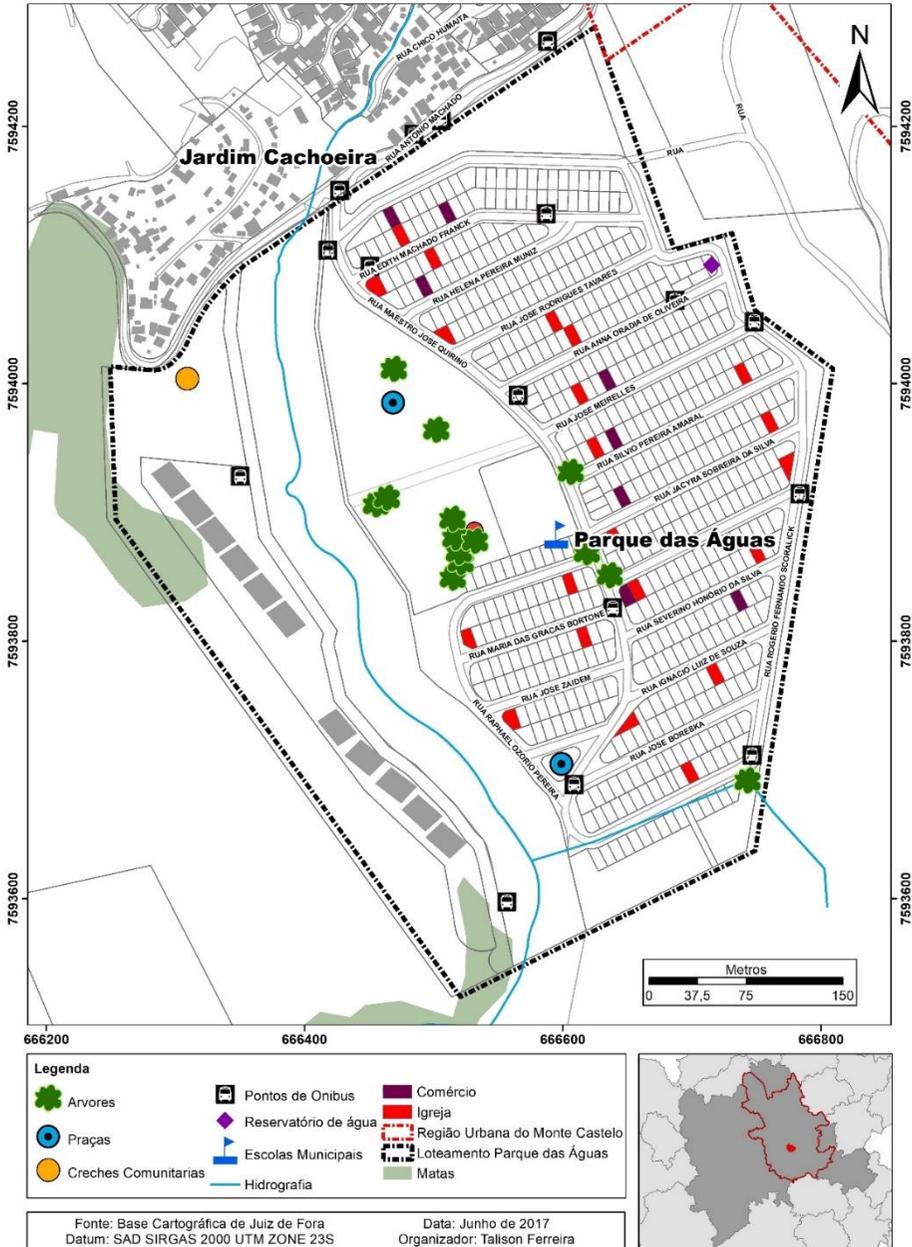
---

<sup>6</sup> No que se refere à oferta de instrumentos de lazer, o local conta apenas uma praça, porém em condição bastante deteriorada. Além disso, há apenas duas linhas de ônibus e horários pouco amplos, a escola não oferece ensino médio e, como a maioria das periferias, tem em seu território a atuação do comércio de drogas e casos de violência.

espaço. Durante a pesquisa foi realizada a contabilização do número de igrejas instaladas no residencial. A contagem foi feita a partir da planta do residencial, na qual foram marcadas as residências comprometidas com a promoção de encontros destinados a atividades do evangelismo. Nesse sentido, é importante ressaltar que várias não possuíam placas indicando a sua existência e foram localizadas por indicação dos próprios residentes. Foram totalizadas 20 igrejas, todas pentecostais distribuídas no loteamento conforme mapa 1.

**Mapa 1: Contabilização das igrejas e equipamentos públicos do local da pesquisa – 2017.**

**Localização de equipamentos, bens e serviços -  
Parque das Águas - Juiz de Fora - MG**



Fonte: Arquivo do NuGea.

O mapa permite observar a constância com que esses locais se apresentam no residencial. Durante o campo constatou-se que a maioria eram situadas no interior das próprias residências, sem qualquer separação entre casa e igreja. Nesse último aspecto a Jesus Cristo a Única Esperança se difere.

Quanto às suas características, a igreja funcionava em todo o interior de uma das residências que teve sua estrutura modificada para atender às suas atividades e adeptos. As melhorias na estrutura, segundo a líder da igreja, foram devido ao incremento expressivo no número de membros, inclusive jovens. Esclareceu que, anteriormente, também dividia sua residência com a igreja, mas com o aumento do número de frequentadores e ações promovidas no local, foi obrigada a fazer a separação.

Em termos de atividades, a igreja oferecia: i) Escola Dominical (ensino da palavra para crianças), realizada aos domingos; ii) Tardel (encontro de jovens), realizado aos sábados; iii) ensaios semanais de coreografia e músicas; iv) cultos; v) retiros (mais esporádicos); vi) ida semanal ao Monte (oração no morro do bairro); entre outros trabalhos solicitados pelos membros ou considerados de necessidade.

Nota-se que a igreja dedicava boa parte de suas atividades aos jovens, e eram essas atividades que nos permitiram compreender o sucesso dessa em relação às demais. Tal afirmação pode ser melhor compreendida a partir da afirmativa da missionária durante a entrevista, quando questionada sobre o porquê do número tão expressivo de jovens em relação às outras igrejas instaladas no residencial:

Acho que é por isso mesmo, as outras igrejas que a gente observa aqui, a gente não vê muita coisa

para jovens. Então né?! A gente passa numa igreja tem 2,3 jovens, ou então vai só no culto lá e vai embora pra casa, então fica aquela coisa né, vira uma rotina. Então tem que ter alguma coisa pra poder distrair eles né?! Então eu acho que eles vêm, visitam, observam a mocidade. [...] a gente tenta trabalhar pra poder atrair mais a mocidade e os adolescentes. Hoje em dia tem vindo um casal de outro bairro também, do Vila Ideal. Missionária Bia e MC Morial, ele canta uns *Raps* evangélicos pra animar os meninos aqui [sic] (Entrevista de campo, 2017).

E continua,

É uma igreja vivada<sup>7</sup>, pentecostal. É uma igreja digamos assim, mais animada. Porque o pentecostal, assim, muitos criticam né, o pentecostal. Muitos falam de nós como o povo da bagunça, muito barulho. Mas não, aqui nós gostamos de louvores mais vivados, porque anima mais a igreja. Acreditamos nos dons do Espírito Santo. A nossa igreja ela é assim, bem organizada, só que não é uma igreja muito tradicional, sem muitos paradigmas né?! Exemplo: tem igrejas que não pode bater palma, não pode dançar, não pode pular [sic] (Entrevista de campo, 2017).

As lideranças da instituição percebem a importância de promover, naquele ambiente, atividades que proporcionem o encontro e a ocupação do tempo livre dos jovens. Isso colabora para um incremento no número de novos adeptos, e uma tendência de crescimento progressivo como também é evidenciado nas bibliografias referenciadas ao longo do texto, que tratam o crescimento do pentecostalismo entre os jovens.

---

<sup>7</sup>De acordo com a líder, o termo “vivada” se refere ao caráter alegre e animado com que são conduzidos os louvores e os cultos. Os louvores são caracterizados por utilizar uma variedade de instrumentos musicais.

**“Eu morando aqui, nada pra fazer, eu fiz uma visita, gostei e estou aqui”: é também assim que a igreja cresce**

A quase inexistência de equipamentos e atividades de lazer direcionadas aos jovens no bairro também foi evidenciada nas falas de nossos entrevistados. Ao mesmo tempo em que relatavam ser a praça local com potencial de uso para o lazer e encontro, também a descrevia como depredada e de inviável utilização. Diz um dos entrevistados:

C: A pracinha ali, geral pegou a pracinha botou no bolso e levou. Cada um pegava um banco, uma cadeira, a pracinha está desbancada, não dá nem pra ir lá não, fora o mato. A pracinha é deitada, você vai fazer o que lá, se você for jogar bola, a bola vai ficar caída lá, cheia de mato. Acho que tem um espaço livre que podia fazer ali uma piscina, um campo de bola, uma pista de skate. Mas não pode ser de graça não. Porque a maioria das pessoas aqui é favelada, já levaram até os bancos da praça, ia levar até a água da piscina. Lazer é só conversar, a igreja também, e a bola. Se não fosse a igreja nós ia tá lá na rua, não fazendo nada na vida. Só isso que tem pra fazer [sic] (Entrevista de campo, 2017).

A colocação do jovem ainda salienta algumas das tensões na relação entre os próprios moradores e desses com a praça. A indicação da vizinhança como “favelada”, no sentido de que participam da depredação de ambientes comuns aos moradores, demonstra o afirmado. No mais, quando se refere a pracinha como “deitada”, faz-se menção ao seu sítio, em relevo irregular. No mais, destaca o jovem, não teria tido a preocupação quanto aos usos dados pelos moradores àquele local. Mesma opinião é expressa por outros jovens.

P: Não tem nada nas praças, seria importante né?!  
Pra namorar, fazer um culto, piquenique, praticar

esportes, tomar um sorvetinho. Não tem! Não tem nada [sic] (Entrevista de campo, 2017).

D: Não acho nada atrativo aqui, a praça acabou só tem mato e lixo, as ruas não valem a pena, a escola fica lá no Montes Castelo [sic] (Entrevista de campo, 2017).

As afirmativas também nos permitem apreender o descaso do poder público com a manutenção do bairro. Para Bohn (2004), esses sujeitos e espaços geográficos revelam a mais completa ausência e descaso do poder público – haja vista a precariedade de condições de existência. A carência dos equipamentos destinados a recreação descritos nos relatos, sinalizam para o reconhecimento, por parte dos entrevistados, do pouco atrativo do bairro no que trata o lazer.

Para Marcelino (2007), lazer e recreação são elementos justapostos. Nas palavras do autor, “como lazer compreendemos a cultura, compreendida em seu sentido mais amplo, vivenciada no tempo disponível” (MARCELINO, 2007, p. 4). Esse tempo se refere ao das não obrigações com as atividades profissionais, escolares, familiares etc. Assim sendo, a disponibilidade de tempo significa a possibilidade do indivíduo de optar por atividades de sua escolha ou pelo ócio. Entretanto, Marcelino (2007) deixa claro que a sua efetividade se atrela a outros elementos. Dessa maneira, não basta apenas o tempo livre, mas também meios para a efetivação das ações. Nesse ponto, para ele, existem inúmeros fatores inibidores do lazer, como o gênero, a faixa etária, o aspecto econômico e o espaço.

O autor enfatiza ainda que a democratização do lazer implica democratizar o espaço, o que segundo ele é um entrave no urbano, dado o recente aceleramento de seu crescimento e imediatismo, culminando em um crescimento desordenado, marcado

pela diferenciação, na qual de um lado se tem os polos nobres e de outro os bolsões de pobreza, “verdadeiros depósitos de habitações” (MARCELINO, 2007, p. 6). A situação se apresenta ainda mais extrema quando observamos que a maioria dos pobres reside nas periferias das grandes e médias cidades, locais afastados de equipamentos sociais promovedores de ações recreativas específicas. Ao nos remetermos às descrições do Parque das Águas, observamos em suas características um claro exemplo: o local é descrito como pouco atrativo a oferta de lazer e equipamentos destinados a ele.

Os jovens experimentam a juventude de acordo com os espaços, tempos e contextos em que vivem. É assim que a condição de juventude é vivenciada de diferentes modos. Nesse contexto, entendemos o lazer como um momento de encontro e de convívio. Na construção da condição juvenil, adquire centralidade, sendo elemento fundamental na sociabilidade dos jovens, na medida em que coloca em diálogo experiências, desejos, projetos, visões de mundo e estilos, colaborando para a estruturação de novas identidades individuais e coletivas e ampliando a espacialidade dos jovens na cidade. Para Cassab, et. al. (2014, s.p.), “as juventudes são constituídas por sujeitos ativos que produzem seus próprios espaços ao mesmo tempo em que também são condicionados por esses”.

Assim sendo, a maioria dos jovens descreve a igreja como o principal local de busca pelo lazer. Quase que o total dos entrevistados relatou ser a ida à igreja a principal atividade dedicada ao lazer. Na busca por compreender o papel dessas igrejas na vida dos jovens evangélicos pesquisados, questionou-se sobre o porquê da escolha pela igreja “Jesus Cristo a Única Esperança”. As respostas nos permitem perceber que a instituição religiosa se apresenta não apenas como um espaço propício à manifestação da fé, mas na oferta

de atividades que tentam ocupar o jovem. Percebe-se também que ela se constitui como um espaço de proteção diante dos perigos da rua, identificados pelos próprios jovens.

C: É assim, se eu não vou na igreja, eu fico na rua e na minha rua eu desço ali e já tem uma boca ali de droga, e se eu ficar ali na rua, eu vou fazer o que, vai dar errado isso daí. Aí eu falei, eu vou pra igreja. A minha mãe não gosta que eu fico na rua, aí só de eu ir a minha mãe já fica bolada comigo. Aí eu falo eu vou pra igreja'. Na igreja também é bom que nós conversa, que eu crio que Deus existe e ele é o todo poderoso [sic] (Entrevista de campo, 2017).

A: No outro bairro eu não ia na igreja, eu era do mundo aí. Ficava em casa não tinha nada pra fazer, fazendo coisas que não devia. Aí agora é bem melhor. Já tem quase um ano que eu estou aqui. Eu frequento a igreja com a minha irmã e meu irmão e minhas colegas. Minha irmã que me trouxe [sic] (Entrevista de campo, 2017).

A igreja é, dessa maneira, mais que uma instituição religiosa, ela se destaca como um local que promove a socialização e a integração tanto do grupo familiar, quanto da consolidação de novos grupos sociais juvenis. É o que a colocação de um dos jovens indica:

F: Porque eu me sinto bem aqui, gosto daqui, agora a igreja é muito boa. Sabe, eu acho muito bom, porque através da gente vindo, a minha mãe vem. A minha mãe não é crente, de vir todo dia, mas a minha mãe vem, tipo assim, de vez em quando. Ela traz o dízimo dela, sabe, mas ela não é de vir muito não, sabe, mas através da gente vindo ela vem, e eu gosto de conversar com os jovens, eles falam coisas de Deus, mas também é muita diversão, a gente descontrair também, eu gosto muito [sic] (Entrevista de campo, 2017).

D: Eu era de outro ministério, aí inaugurou a igreja aqui, eu vim e continuei. Aí eu vim, eu fui me entrando assim, fui conhecendo mais Deus de verdade. O que Deus podia fazer. Aí depois eu conheci o ministério de coreografia, porque eu sou apaixonada por dança, eu costumo falar 'pode me tirar de tudo, do ministério de louvor, da mocidade, mas não me tira a dança não, pelo amor de Deus'. Então foi o modo assim que eu encontrei na casa de Deus pra me expressar. Então assim, a cada dia mais que eu fui me entregando, eu fui vendo a grandeza de Deus o que ele pode fazer. E foi o que me interessou mais. E é isso [sic] (Entrevista de campo, 2017).

Nesse aspecto, a Igreja estabelece relações com grupos que partilham proximidades identitárias ou de interesses. Suas atividades denotam ações capazes de promover encontro, aprendizado, empoderamento e lazer, constituindo-se num espaço de sociabilidade e reconhecimento social. Inclusive, para muitos, a oferta dessas atividades é a motivação para frequentarem o local.

As colocações reafirmam as ponderações de Mendonça (2009), ao dizer que as novas práticas promovidas no interior de algumas igrejas dão a elas um caráter menos formal e conseqüentemente mais atrativo ao jovem. Posto isso, é possível evidenciar a estreita relação entre expansão pentecostal junto aos jovens pobres.

Além disso, a menor rigidez praticada pela igreja é outro fator que contribui para a atração da juventude, como afirma a líder nas citações evidenciadas no final do item dois. O mesmo pode ser notado no estudo realizado por Gomes (2007), na Igreja Evangélica da Restauração (CER), em Belo Horizonte. Em uma das observações de campo o autor relata:

Durante o almoço, Bernardo me disse que na CER havia muitos jovens, mas, com a pressão do pastor Gilmar Garibaldi, muitos deles se afastaram da igreja. Relatou o caso de um jovem que cantava no grupo de louvor da igreja. (...) Ele disse que a CER era cheia de jovens, mas nem todo mundo aguenta a pressão da igreja, que é ‘cheia do pode e não pode’. ‘Eles pressionam demais os jovens’, ele ressaltou isso várias vezes durante a parte da tarde’ (Caderno de campo) (GOMES, 2007, p. 3).

É importante salientar que dos 23 jovens entrevistados, 12 não eram evangélicos antes da mudança para o local da pesquisa. Nesse sentido, como muitos afirmam, a ida para igreja em muito se deu pelo fato de o residencial não possuir atividades de lazer.

A participação dos jovens em outros ministérios, antes da ida para a “Jesus Cristo a Única Esperança”, além de provar o poder de atração do lazer, também corrobora a afirmação de Camurça (2013, p. 76-77), para quem

assiste-se à proliferação de centenas de iniciativas midiáticas, performática em redes capilares do universo social-religioso evangélico: o funk evangélico no fundo da garagem, inserções de sucesso no YouTube, os ‘pancadões de Jesus’ que explodem nos subúrbios metropolitanos e as performances do ‘sapatinho de fogo’ que eletrizam as dezenas de cultos dos minúsculos templos (Grifo no original).

Outro ponto importante refere-se às falas que demonstram a procura da igreja em função de no bairro não ter “nada pra fazer”, como no fragmento:

R: eu sempre tive vontade de começar a congregar em uma congregação. Aí eu morando aqui, nada pra fazer, eu fiz uma visita, gostei e estou aqui.

Tem uns negócios maneiro aí pra nós” [sic]  
(Entrevista de campo, 2017).

A igreja busca sanar tais lacunas, promovendo atividades dedicadas aos jovens contribuindo para que possam estabelecer vínculos sociais e territoriais pela construção e inserção em um grupo social de caráter religioso.

Para Gomes (2007), o ambiente religioso é um espaço atrativo para os jovens que residem na periferia, locais que geralmente possuem poucos equipamentos de esporte, lazer e cultura. Ela se apresenta como um refúgio em meio à carência de um local que surge de forma repentina, modificando o modo de vida dos sujeitos.

Estar na igreja significa, também, uma imersão que promove a sensação de pertencimento social e territorial, responsabilidade, visibilidade, aceitação e de correto; especialmente, pela vivência em um ambiente marcado por conflitos. O jovem imerso nela é visto como um indivíduo sério, de Deus, diferente de outros que não são da igreja. Esse é o entendimento que os jovens frequentadores da igreja estudada também possuem.

M:quando a gente não era da igreja e veio morar aqui a gente era igual todo mundo. A gente era qualquer jovem que podia fazer mal, dar tiro. As pessoas vão vendo você na igreja e veem que você é diferente” [sic] (Entrevista de campo, 2017).

A afirmativa evidencia a imagem de violência que acompanha aquele território e seus jovens moradores, bem como as dificuldades enfrentadas por eles em se relacionarem com o novo local de residência. Nesse contexto, as igrejas se apresentam como uma alternativa para esses sujeitos. De acordo com Gomes (2007), a

igreja e seus arredores funcionam como ambiente seguro, simbolicamente, apartado daqueles que convivem cotidianamente com a violência e o tráfico.

Além disso, também são evidenciadas por sua capacidade de empoderamento e visibilidade positiva. Nesse aspecto reconhece-se mais uma vez a assertiva do autor ao afirmar que as “práticas culturais constituídas pelos jovens podem ampliar suas relações sociais e de autoestima, pois na convivência cotidiana trazem elementos de uma ação educativa: motivação, correção, ensinamento, avaliação, cumplicidade” (GOMES, 2007, p. 18).

Na igreja, portanto, o jovem se diverte, participa, faz amigos e descobre talentos, como a dança. Nesse movimento, o pentecostalismo agrega os jovens, que inseridos na igreja, se socializam com outros jovens e os convidam a conhecer e participar das atividades do local. No seio familiar, também contribui com ida de alguém. Dessa maneira, é também assim que a igreja se expande, que ganha visibilidade dentro de um espaço marcado pelo descaso e o nada para fazer de uma vida cotidiana, pelo medo dos perigos da rua, pelo estigma da violência.

### **Considerações finais**

O olhar atento da pesquisa realizada em meados 2017, na periferia de Juiz de Fora, identificou um considerável número de igrejas pentecostais no residencial, na época, contabilizou-se dezessete igrejas no local.

Se for considerado o recente tempo de formação da comunidade (a data de inauguração do empreendimento antecede dez anos), pode-se considerar expressivo o número de estabelecimentos. Essa característica se revela em outras

experiências citadas ao longo do texto e corrobora o crescimento no número de adeptos do pentecostalismo, bem como de igrejas de mesma denominação, especialmente, nos locais precários das zonas urbanas das médias e grandes cidades.

Nesse sentido, foi possível observar as estreitas relações evidenciadas nos vários trabalhos que se dedicaram ao tema e a realidade no local da pesquisa, inclusive, no que tange à associação entre a precariedade da periferia e o descaso do poder público, a pouca oferta de lazer e o crescimento do pentecostalismo entre os jovens.

Assim, o estudo realizado na pequena igreja demonstra que seu papel extrapola o sucesso em termos de expansão, dada a sua relevância na vida cotidiana de seus jovens. Quando relatam a opção pela igreja, por se identificarem com as atividades ofertadas e pelo residencial ser carente de lazer, fica claro o importante papel desse espaço e sua representatividade para a juventude evangélica do local da pesquisa.

No bojo de nossa reflexão subjaz o entendimento do território também como apropriação resultante do imaginário e/ou identidade social (HAESBAERT, 1997, 1999, 2007; SAQUET, 1993, 1994, 2006, 2007). Nesse sentido, a constituição da identidade social no lugar da moradia é elemento chave na construção de uma identidade territorial e do sentimento de pertencimento desses jovens.

Sendo assim, a participação na Igreja e seu reconhecimento como espaço-tempo de sociabilidade e lazer são os elementos que, nessa pesquisa, nos ajudaram a desvelar o sentido de pertencimento social que, por seu turno, para os jovens pesquisados, colaboraram para que desempenhassem alguns laços territoriais com o bairro. Especialmente porque a escassez na oferta de lazer é, ao mesmo

tempo, um aspecto que contribui para a representação negativa do conjunto habitacional e a razão principal para que procurassem a igreja.

As igrejas parecem compreender essa relação comum nas periferias da cidade investindo cada vez mais em atividades que favoreçam a participação e a manutenção dos jovens, inclusive ofertando experiências menos rígidas que estimulem a presença e a sociabilidade juvenil através de suas práticas religiosas. Tais ofertas – aliadas às estratégias expansionistas a que essas denominações vêm se dedicando, e ainda, a pouca atratividade dos espaços dedicados aos jovens residentes nas periferias urbanas pelo descaso do poder público –, tornam esses locais ambientes atrativos à inserção e expansão do pentecostalismo. Fato que não se mostrou diferente na realidade de um conjunto habitacional periférico do Minha Casa Minha Vida.

### **Referências bibliográficas**

BOHN, S. R. Evangélicos no Brasil. Perfis socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. *Opinião Pública*, Campinas, v. X, n. 2, p 228- 338, out. 2004.

CAMURÇA, M. A. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, F; MENEZES, R. *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

CARVALHO, J. J. Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. In: BINGEMER, M. C. L. (Org.). *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo: Loyola, 1992.

CASSAB, C. Como um fantasma sob a neblina: os jovens, a cidade e a política. *Caminhos da Geografia*, Uberlândia, v. 10, n. 32, dez. 2009.

\_\_\_\_\_. Da casa para a rua: a dimensão espacial da juventude. In: CAVALCANTI, L.; CHAVEIRO, E.; PIRES, L. M. (Org.). *A cidade e seus jovens*. 1. ed. Goiânia: PUC Goiás, 2015.

\_\_\_\_\_. Os jovens e suas mediações espaço-temporais: a cidade e os projetos de vida. In: PAULA, F. M. A.; CAVALCANTI, L.; PIRES, L. M. (Org.). *Os jovens e suas espacialidades*. 1. ed. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2016.

\_\_\_\_\_; PINTO, M. B. *Jovens e território: impasses da política habitacional*. Juiz de Fora/MG: Ed. UFJF, 2019. No prelo.

\_\_\_\_\_; TOLEDO, J. A. C.; FERREIRA, K. O.; REZENDE, R. P. Juventudes e lazer na cidade de Juiz de Fora. In: Jornada de Ciências Sociais da UFJF, III, Juiz de Fora. *Anais...* Juiz de Fora: UFJF, 2014. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/GT2-JUVENTUDES-E-LAZER-NA-CIDADE-DE-JUIZ-DE-FORA.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

COSTA, M. R. Os Carecas de Cristo e as tribos Urbanas do Undergroud Evangélico. In: PAIS, J. M.; BLASS, L. M. S. (Org.). *Tribos Urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Anablume, 2004.

FERNANDES, D. *Desvendando territórios: juventude evangélica no bairro Jardim das Américas*. 2007. 109f. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava/PR, 2007.

FERNANDES, S. R. A. Juventudes nas igrejas e fora delas, crenças, percepções da política e (des) vinculações. *Tomo*, São Cristóvão/SE, n. 14, p. 99-126, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/500/416>>. Acesso em: 23 out. 2019.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 1989.

GOMES, E. E. No bairro tem igreja: práticas culturais entre jovens pentecostais. *Cadernos Ceru*, São Paulo, n. 18, p. 69-89, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/viewFile/11833/13610>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

GOULART, D. A. O espaço do jovem em meio ao crescimento evangélico. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura,

IV, 2008, Salvador/BA. *Anais...* Salvador/BA: UFBA, 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14576.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

HAESBAERT, R. *Des-territorialização e identidade: a rede 'gaúcha' no Nordeste*. Niterói: EdUFF, 1997.

\_\_\_\_\_. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Z; CORREA, R. L. (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. Territórios e multiterritorialidade: um debate. *Revista GEOgraphia*, Rio de Janeiro, ano IX, n. 17, p. 19-45, 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/213/205>>. Acesso em: 28 set. 2016.

HERVIEU-LÉGER, D. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? *Religião e Sociedade*, v. 18, n. 1, p. 31-47, ago./1997.

IBASE/POLIS. *Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas*. Rio de Janeiro: Ibase/Polis, 2005. Disponível em: <[http://ibase.br/userimages/Relatorio\\_Final.pdf](http://ibase.br/userimages/Relatorio_Final.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2010*. 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&i=P&c=3107>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico de 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. p. 238-258. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2018.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Metodologia do trabalho científico*. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 1992.

MACHADO, A. A territorialidade pentecostal: uma contribuição à dimensão territorial da religião. *Espaço e cultura*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 36-49, 1997. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6773/4826>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Territorialidade pentecostal, um estudo de caso em Niterói. *Revista Brasileira de Geografia*, ano I, vol. 56, n. 1-4, p. 135-164, jan./dez. 1994.

MACHADO, M. S. *Territorialidade pentecostal, um estudo de caso em Niterói*. 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

MARCELLINO, N. C. Algumas aproximações entre lazer e sociedade. *Animador sociocultural: Revista iberoamericana lazer e sociedade*, Piracicaba, v. 1, n. 2, p. 1-20, maio/set. 2007.

MARIZ, C. L; JR., P. G. As igrejas pentecostais no censo de 2010. In: TEIXEIRA, F; MENEZES, R. *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

MENDONÇA, J. S. *O gospel é pop: Música e religião na cultura pós-moderna*. 2009. 196f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, São Paulo, 2009.

NOVAES, R. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: ABRAMO, H. W; BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

SAQUET, M. A. *Abordagens e concepções sobre território*. 1ª Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

\_\_\_\_\_. O diabo na Ex-4a. Colônia. *Revista Perspectiva*, Erechim/RS, ano 17, n. 58, p. 47-62, 1993.

\_\_\_\_\_. O diabo na Ex-4a. Colônia: algumas considerações teórico-metodológicas. *Revista Perspectiva*, Erechim/RS, ano 18, n. 62, p. 67-78, 1994.

\_\_\_\_\_. Proposições para estudos territoriais. *Revista GEOgraphia*, Rio de Janeiro, Ano VIII, n. 15, p. 71-85, 2006. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/189/181>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

TOLEDO, J. A. C. *O papel das igrejas evangélicas no processo de re-territorialização e construção das identidades territoriais dos jovens evangélicos do residencial Parque das Águas*. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

VERGARA, S. C. *Métodos de coleta de dados no campo*. 3ª Edição. São Paulo: Atlas, 2010.

Submetido em: 30 de abril de 2019.

Devolvido para revisão em: 30 de julho de 2019.

Aprovado em: 25 de agosto de 2019.

**Como citar este artigo:**

TOLEDO, Juliana Aparecida Cantarino; CASSAB, Clarice. O lazer, a periferia e os jovens: relações para discutir o crescimento pentecostal. **Terra Livre**, v. 1, n. 52, p. 608-640, jan.-jun./2019.